

ENSAIO TEÓRICO

Gênero, hipergênero e suporte em ambiente digital: a aplicabilidade de conceitos da linguística de texto frente ao ciberespaço



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Roberlei Alves Bertucci (UTFPR)
- Emanuel Cesar Pires de Assis (UFPI)
- Rebeca Schumacher Eder Fuão (UiO)

AVALIADO POR

- Lovania Roehrig Teixeira (UTFPR)
- Antônio Luiz Alencar Miranda (UEMA)

SOBRE OS AUTORES

- Filipe Santos Guerra
Conceptualização, curadoria de dados, análise formal, escrita – rascunho original.
- Márcia Helena de Melo Pereira
Conceptualização, supervisão, validação, escrita – análise e edição.

DATAS

- Recebido: 30/10/2024
- Aceito: 28/12/2024
- Publicado: 11/06/2024

COMO CITAR

Guerra, F. S.; Pereira, M. H. de M. (2024). Gênero, hipergênero e suporte em ambiente digital: a aplicabilidade de conceitos da linguística de texto frente ao ciberespaço. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 332-354, 2021.

Filipe Santos GUERRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Márcia Helena de Melo PEREIRA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Hodiernamente, a emergência das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), principalmente com o advento da internet, provocou acréscimos e uma maior heterogeneidade na forma como (inter)agimos em contextos sociais específicos, a exemplo das redes sociais virtuais, que atraíram para a cena das teorias de Texto e de Discurso novos desafios. Isso posto, decidimos, neste artigo, verificar três noções caras à Linguística, objetivando analisar sua aplicabilidade em textos digitais. Foram elas: gênero discursivo, hipergênero e suporte textual. Para isso, elegemos a rede social virtual *Facebook* como espaço de investigação e utilizamos como arcabouço teórico as premissas de Bakhtin (2016) acerca dos gêneros discursivos, as ponderações de Bonini (2011) e Lima (2013) sobre os hipergêneros e as assertivas de Marcuschi (2003, 2008, 2010) a respeito dos suportes textuais. A partir da análise de capturas de tela da interface digital *Facebook* – as quais formaram o *corpus* deste trabalho –, concluímos que a rede social virtual *Facebook* se constitui o suporte do gênero *post de Facebook*, que, por sua vez, integra o hipergênero página de *Facebook*, também suportado pelo *Facebook*. Vale ressaltar, no entanto, que essas conclusões não são categóricas, haja vista a volatilidade das TDICs.

ABSTRACT

Nowadays, the emergence of new Digital Information and Communication Technologies (DICTs), mainly with the advent of the internet, has caused additions and greater heterogeneity in the way we (inter)act in specific social contexts, such as virtual social networks, which have attracted to the scene of Text and Discourse theories new challenges. That said, we decided, in this article, to verify three notions dear to Linguistics, aiming to analyze their applicability in digital texts. They were: discursive genre, hypergenre and textual support. For this, we chose the virtual social network Facebook as a research space and used as a theoretical framework the premises of Bakhtin (2016) about discursive genres, the considerations of Bonini (2011) and Lima (2013) about hypergenres and the assertions of Marcuschi (2003, 2008, 2010) regarding textual supports. From the analysis of screenshots of the Facebook digital interface – which formed the corpus of this work –, we conclude that the virtual social network Facebook constitutes the support of the Facebook post genre, which, in turn, integrates the hypergenre Facebook page. Facebook, also supported by Facebook. It is worth mentioning, however, that these conclusions are not categorical, given the volatility of the TDICs.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero discursivo. Hipergênero. Redes sociais virtuais. Suporte textual.

KEYWORDS

Discursive genre. Hypergenre. Textual support. Virtual social networks.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Atualmente, novas formas de se informar e de se comunicar têm surgido, principalmente após a popularização da internet, o que causa mudanças na forma como interagimos em determinados contextos sociais. Exemplo disso são as redes sociais virtuais, como o Facebook, que nos mostram a necessidade de atualizar, frequentemente, os estudos que abordam particularidades do que nós conhecemos como texto e como discurso. Pensando nisso, escrevemos esse artigo buscando abordar três conceitos importantes para os estudiosos da ciência da linguagem e analisar como eles se comportam em contexto digital. Os conceitos são os de gênero discursivo, de hipergênero e de suporte textual. Para isso, utilizamos dados coletados no Facebook por meio de capturas de tela e nos embasamos em autores que discutem esses mesmos conceitos fora do ciberespaço. A análise

desses dados nos mostrou que, em territorialidades virtuais, essas noções ganham uma nova roupagem, mas funcionam de forma muito similar ao que encontramos fora do ambiente digital.

Introdução

As características que formam e distinguem os textos, bem como os empreendimentos de estratificá-los em famílias, segundo Piris (2009), são inquietações que encontramos desde as obras de Platão e Aristóteles, filósofos que debutaram princípios que se tornaram legados para os estudos literários e retóricos: enquanto Platão classificou os gêneros literários entre as categorias: a) lírico; b) épico; e c) dramático; Aristóteles sistematizou os gêneros retóricos em: a) deliberativo; b) judicial; e c) epidítico. Com o passar do tempo e o advento das revoluções ocorridas ao longo da Idade Média e da Idade Moderna, as alternativas de comunicação foram estendidas, oportunizando uma maior e mais madura divisão e matização de seus dispositivos de enunciação, isto é, dos gêneros do discurso.

Tratando especificamente desse tópico, as assertivas do Círculo de Bakhtin evidenciam a transição de uma noção estruturalista de signo linguístico – que analisa a língua como um sistema sincrônico abstrato, entendendo o signo enquanto um “sinal” inerte – a uma noção de signo (sócio)interacionista, que o toma como dialético, vivo e dinâmico; no entanto, conforme Lankshear e Knobel (2007), a emergência dos “novos letramentos contemporâneos”, com suporte em práticas letradas particulares, alicerçadas na utilização de múltiplas e distintas tecnologias digitais, atraiu para a cena das teorias dos gêneros do discurso novos desafios.

Segundo Lemke (2010), não apenas os textos/enunciados em ambientes digitais sistematizam-se de maneiras novas, mas, também, hipertextos e hipermídias, fundindo multissemioticamente uma complexa diversidade de linguagens (imagens estáticas e/ou dinâmicas, áudio, modalidades escrita e/ou oral da língua etc.) e, ainda, as recentes práticas letradas. Essas práticas se realizam sobre os textos digitais em forma de leitura e produção, e seguem um novo *ethos* e novas mentalidades.

Dito isso, consoante Piris (2009), por causa do vertiginoso avanço nas tecnologias de comunicação experienciado pelo mundo nos últimos tempos, a complexidade dos gêneros do discurso intensificou-se de forma tão significativa que pudemos nos deparar, nos meios de comunicação atuais, com formas relativamente estáveis de enunciados que chegam a ser confundidas com o seu próprio suporte.

Haja vista a contemporaneidade e a relevância do assunto, e considerando a miscelânea que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) trouxeram às Teorias de Texto e de Discurso – que carecem de constante atualização frente às mudanças vertiginosas de utilização da língua(gem) promovidas pelo ciberespaço –, decidimos lançar um olhar para três noções caras à Linguística de Texto, objetivando analisar sua aplicabilidade em textos digitais. São elas: “gênero discursivo”, “hipergênero” e “suporte textual”.

Para isso, elegemos a rede social virtual *Facebook* como espaço de investigação, já que ela é um dos mais complexos veículos de interação sociocomunicativa acessados por meio das mídias digitais, além de ser o *site* de relacionamentos mais popular do mundo¹, contabilizando cerca de três bilhões de usuários ativos. Logo, muitas pesquisas acerca de suas funcionalidades são feitas com base em teorias provenientes de diversas áreas do conhecimento. No entanto, não é incomum percebermos, em estudos linguísticos sobre essa plataforma, confusões terminológicas quanto às classificações textuais de seus elementos formadores (o próprio *site*, as páginas contidas nele, os *posts* etc.).

Assim, diante do que foi elencado até aqui, perguntamo-nos: como os conceitos de gêneros do discurso, de hipergênero e de suporte textual se apresentam e se concretizam na referida interface digital? Para responder a esse questionamento, analisaremos capturas de tela de três espaços do *Facebook*, quais sejam: o *post* de *Facebook*, a página de *Facebook* e a tela inicial do *Facebook*.

Isso posto, para efetivar a análise dos dados, utilizaremos como arcabouço teórico basilar deste artigo as premissas de Bakhtin (2016) acerca dos gêneros discursivos, as ponderações de Bonini (2011) e Lima (2013) sobre os hipergêneros e as assertivas de Marcuschi (2003, 2008, 2010) a respeito dos suportes textuais. Desse modo, o texto que se segue traz uma breve revisão de literatura dos conceitos supracitados. Posteriormente, são comentados aspectos metodológicos deste artigo e realizadas as discussões acerca dos dados que compõem o nosso *corpus*. Por último, são apresentadas conclusões viabilizadas a partir da exploração desses dados.

1. Gêneros discursivos: enunciados relativamente estáveis

De acordo com Bakhtin (2016), quando usamos a linguagem, fazemos isso de maneira muito flexível e com base em três elementos-chave: i) conteúdo temático; ii) construção composicional; e iii) estilo de linguagem. Esses elementos estão relacionados aos diferentes campos² da atividade humana, de tal maneira que os enunciados se ordenam como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (Bakhtin, 2016, p. 12, grifos do autor). Isso posto, é preciso, então, discutirmos, em linhas gerais, as peculiaridades desses elementos, haja vista que eles são considerados pelo próprio Bakhtin (2016) como os três alicerces dos gêneros do discurso.

¹ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>. Acesso em: 08 ago. 2023.

² No conjunto das obras do Círculo de Bakhtin traduzidas para o português, encontramos oscilações entre os termos “campo” e “esfera”, os quais se referem, nos textos em questão, ao mesmo conceito. Pelo fato de as traduções mais recentes, feitas diretamente do russo, adotarem o termo “campo” em detrimento do termo “esfera”, procederemos do mesmo modo. Para além disso, Grillo (2006), uma das tradutoras mais reconhecidas das obras de Bakhtin no Brasil, afirma que a substituição do termo “esfera” por “campo” evidencia como os conceitos das obras do Círculo de Bakhtin e de Pierre Bourdieu se encontram em suas afirmações, análises e posicionamentos. A quem interessar, indicamos a leitura do artigo “Esfera e Campo”, de autoria de Sheila Grillo, publicado no livro “Bakhtin: outros conceitos-chave”, organizado pela linguista brasileira Beth Brait e publicado em 2006.

De acordo com o referido autor, tudo o que enunciamos começa com um "conteúdo temático". Isso significa que a forma como falamos algo é primeiro influenciada pelo contexto social, pelas nossas ideias, pelo que queremos dizer e pela forma como queremos que isso seja percebido. Portanto, o conteúdo temático diz respeito a como organizamos a nossa comunicação e engloba as palavras que escolhemos, como organizamos as frases e também como expressamos nossas vontades discursivas ao enunciar. Assim, ele abrange tanto elementos linguísticos e textuais quanto elementos enunciativos e discursivos.

Já a "construção composicional" se refere à maneira como os elementos de um gênero são organizados. De acordo com Bakhtin (2016), a forma como expressamos nossas intenções e como evoluímos na comunicação depende do tipo de gênero que usamos. Em outras palavras, cada tipo de comunicação tem uma estrutura particular que compõe, equilibra e organiza o seu conteúdo. Isso é fundamental para distinguir um tipo de comunicação de outro, pois é essa estrutura que o torna único.

O "estilo", por sua vez, na concepção bakhtiniana, refere-se à escolha dos recursos gramaticais, lexicais e fraseológicos da língua. Bakhtin (2016) argumenta que o estilo é coletivo, haja vista que faz parte de um gênero que é moldado social e historicamente, mas também individual, porque cada pessoa traz suas próprias particularidades para a comunicação. Assim sendo, como pontua Guerra (2022, p. 33),

o estilo coletivo é marcado pela associação entre elementos discursivos, textuais e linguísticos utilizados regularmente em certo contexto enunciativo, ao passo que o estilo individual, no que lhe concerne, é resultado das particularidades do sujeito da enunciação e de suas escolhas individualizadas na dinâmica discursiva.

Trocando em miúdos, consoante Bakhtin (2016), todo gênero possui um estilo próprio de enunciação e o estilo individual de cada enunciador. No entanto, a natureza dialógica da linguagem implica que o estilo não é estritamente individual. Isso porque, para que os gêneros de discurso sejam compreendidos, diferenciados e classificados, eles precisam incorporar certas formas e convenções que são reconhecidas e compartilhadas em campos específicos da atividade humana. Além disso, os gêneros de discurso estão sujeitos a influências do contexto em que são usados, tanto em termos de regras sociais quanto de elementos históricos e culturais.

Isso significa que, embora um indivíduo possa trazer sua singularidade e escolhas pessoais para a comunicação, o estilo é moldado e limitado pelo contexto social e histórico em que opera. Portanto, a linguagem é uma interação complexa entre o individual e o coletivo, entre o sujeito falante e as expectativas e convenções da sociedade em que a comunicação ocorre.

Em suma, portanto, quando se analisa um gênero do discurso, é fundamental considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os contextos políticos, culturais, sociais e históricos em que esse gênero é usado. De acordo com Bakhtin (2016), em diferentes momentos e fases de desenvolvimento, os gêneros do discurso desempenham papéis distintos na sociedade, refletindo e manipulando a língua. Além disso, os gêneros se adaptam às funções da linguagem necessárias em seus campos de uso. Isso significa que eles podem assumir formas diferentes e características específicas, dependendo das necessidades comunicativas e das convenções dos contextos em que são empregados. Portanto, a análise de um gênero do discurso envolve a compreensão profunda de como ele opera em distintas conjunturas.

Consideradas as premissas bakhtinianas citadas, o gênero, sob essa perspectiva, é analisado a partir de um prisma discursivo que ampara o processo interativo que naturalmente contorna as atividades enunciativas, mediadas, segundo Guerra (2022, p. 33), “[...] pela concomitância de posições sociais, pela intenção dos enunciadores e pelo escopo próprio de cada campo da atividade humana, como um objeto enunciativo ou discursivo.”

Isso evidencia o fato de que os gêneros discursivos não são estáticos. Desse modo, a depender de cada uma das referidas mediações, eles evoluem e se transformam. Isso pode incluir a criação de novos gêneros, a obsolescência de alguns gêneros antigos, a adaptação de gêneros para diferentes contextos ou até mesmo a fusão de gêneros. Essa evolução é constante e ocorre tanto dentro do campo de atividade humana em que o gênero foi originalmente concebido quanto em outros campos que podem adotá-lo ou modificá-lo. Essa dinâmica contínua reflete como os gêneros são entidades flexíveis e sensíveis ao ambiente comunicativo em constante mudança. Isso também ressalta a importância de estudar os gêneros não apenas como formas fixas, mas como produtos vivos da interação social e da evolução cultural.

Assim sendo, por causa do imensurável número de possibilidades enunciativas dispostas aos sujeitos, é preciso pensar em uma diversidade de gêneros que, por vezes, servem a um único propósito comunicativo, o que é chamado por alguns teóricos de “hipergênero”, como veremos na seção a seguir.

2. Hipergênero: gêneros singularmente agrupados

Adepto das assertivas bakhtinianas de gênero do discurso, Bonini (2011), tencionando assistir ao entendimento de formas complexas de enunciado presentes na sociedade glocal³, elabora uma concepção denominada de *hipergênero*. A partir de uma idealização teórica proveniente de vários estudos dele próprio, Bonini (2011, p. 691-692) sumariza a concepção de hipergênero da seguinte forma:

[...] os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. O jornal, nesse sentido, é um hipergênero, uma vez que ele responde às características propostas por Bakhtin (1953) para caracterizar o enunciado [...]. Uma notícia é produzida em um jornal como parte de um grande enunciado, de modo que ela se relaciona necessariamente com os demais gêneros produzidos (com a chamada, com o editorial, com os artigos, etc.).

Bonini (2011) ressalta que a sua noção de hipergênero é diferente de concepções formuladas por outros linguistas. Grosso modo, para ele, o hipergênero é um gênero que está em um nível superior em relação aos outros. O que sustenta essa conceituação é a ideia de que determinado conjunto de gêneros é capaz de se agrupar para, assim, formar uma ampla unidade discursivo-textual, cujos elementos

³ Em linhas gerais, “glocal” é o intercâmbio entre valores culturais globais e locais, fenômeno que origina um terceiro valor. Este, por sua vez, evidencia e acentua, simultaneamente, os dois primeiros.

(os gêneros discursivos individuais) se interligam uns aos outros sistematicamente, constituindo um todo textual.

Muitos trabalhos de linha bakhtiniana aportam-se teoricamente em Bonini (2011) para tratar da noção de hipergênero. Um exemplo disso é a tese de doutorado de Lima (2013, p. 146), na qual encontramos a seguinte afirmação:

[...] o hipergênero, como a realização de uma estrutura composicional, resulta de um amplo processo de ordenamento retórico-textual, com várias especificidades e propriedades. É esse processo de ordenamento que acaba transformando o agrupamento de um conjunto típico de gêneros em algo mais que uma simples sequência ou uma coletânea de gêneros. Os gêneros se unem para formar um macroenunciado, com continuidade, progressão temática e articulação genérica.

Considerando o exposto acima, vemos que, a partir das contribuições de Bonini (2011) acerca da noção de hipergênero, Lima (2013) constrói, em sua tese, uma estrutura conceitual com o objetivo de elucidar a forma através da qual um amontoado de gêneros típicos é capaz de se agrupar, ordenada e articuladamente, para integrar um todo discursivo-textual; isto é, como nasce e se sustenta um hipergênero.

Para o linguista, a construção composicional e a atuação desse macroenunciado genérico, citado anteriormente, é metodizada por padrões retórico-textuais e retórico-discursivos relativamente estáveis, capazes de fazer com que o hipergênero seja socialmente caracterizado como uma extensão textual unificada, e não somente como um mero e caótico conglomerado de textos.

Isso posto, para Lima (2013, p. 181), o hipergênero é, em suma,

[...] um macroenunciado cuja composição: a) permite a alternância dos sujeitos enunciadore do discurso, b) incorpora um propósito de dizer e c) constitui uma totalidade semântica. Isso quer dizer que o hipergênero é definido como uma unidade de sentido concluída, que comporta uma réplica (BONINI, 2011). Essa unidade apresenta, como resultado da organização e distribuição típicas dos gêneros ao longo de sua extensão, uma progressão retórico-semântica.

Para além desses critérios a serem considerados para a definição do hipergênero como uma macrounidade discursivo-textual, há que se dar importância, também, segundo o autor supracitado, ao fato de que é habitual haver, na formação e organização de um hipergênero, uma espécie de “fio temático condutor” que atravessa toda a sua amplitude. Em outras palavras, é possível afirmar que o hipergênero é um evento interativo composto e interposto com base em uma coletividade discursiva e/ou em um modelo de atividade social, considerando a efetivação de uma vontade discursiva e/ou de uma ação social específica. Em alguns contextos, o objetivo interacional e a ação social integrados ao hipergênero são prontamente identificáveis. Em outros, nem tanto.

É a partir dessa variabilidade (somada à exiguidade de trabalhos que tratem do tema com base no escopo teórico da Linguística) que surgem os equívocos relacionados a esse conceito, haja vista que, muitas vezes, hipergêneros são tomados como suportes textuais e vice-versa. Por isso, para compreender as particularidades da noção de hipergênero, é de suma importância, também, atentarmos-nos às idiosincrasias do conceito de “suporte textual”, que será ponderado na seção a seguir.

3. Suporte textual: o portador do texto

De modo geral, Marcuschi (2003, 2008, 2010) foi um dos autores vanguardistas⁴ que tentaram instrumentalizar a análise do elo existente entre suporte textual e as discussões existentes, à época, acerca de gênero discursivo (dentre as quais ele adota a vertente bakhtiniana para arquitetar e desenvolver suas assertivas). Isso posto, em sua visão, o *suporte* é um “[...] um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (Marcuschi, 2008, p. 74, grifo do autor).

Na opinião do linguista, o suporte englobaria três aspectos, quais sejam: a) o de um lugar (seja ele físico ou virtual) – nesse sentido, supõe-se que o suporte seja algo real, mas essa realidade também pode ser virtual; b) o de alguma coisa que possui um formato característico – não são uniformes nem informes, mas aparecem sempre em alguma configuração específica; e c) o de uma viabilidade de fixar e exibir o texto – admite-se que a função essencial do suporte é fixar o texto e, com isso, torná-lo acessível aos fins comunicativos.

A ideia central postulada pelo autor supracitado é a de que o suporte não é neutro, tampouco o gênero fica indiferente a ele. Não se pode mensurar, ao certo, qual o alcance dessa interferência, mas deve-se pontuar a importância do suporte, pois ele é imprescindível para a circulação do gênero em sociedade e, possivelmente, tem alguma influência na natureza do gênero suportado. Contudo, isso não implica dizer que o suporte necessariamente determina o gênero, mas sim que o gênero requer um suporte especial. Para o linguista, porém, essa é uma questão complexa, visto que há casos em que o suporte determina, sim, a distinção que o gênero recebe. Nas palavras de Marcuschi (2010, p. 22), “[...] em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente [...]”.

Assim, para ele, os procedimentos de formatação (estratégias estabelecidas sobre como a linguagem e, portanto, os gêneros se atualizam em determinado suporte) verificados em cada entidade de acesso são separados em virtude de o suporte em que está contida ser capaz de imputar: a) diferentes

⁴ Muitos autores – posteriormente às discussões empreendidas por Marcuschi (2003, 2008, 2010) – trataram, também do conceito de *suporte*, a exemplo do próprio Bonini (2011), citado anteriormente. Para ele, o termo *mídia* é mais adequado para se referir a esse recurso tecnológico de mediação da produção linguageira. Assim sendo, o linguista em questão “move” o termo *suporte* para as tecnologias de registro, armazenamento e transmissão ligadas a essas mídias, pois, em sua opinião, o meio acadêmico costuma criar termos novos para conceitos já existentes, e esse seria exatamente o caso do *suporte textual*. Portanto, nas palavras de Bonini (2011, p. 688), a *mídia* seria uma “[...] tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia, como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem [...]”. Já o *suporte*, por sua vez, seria o “[...] elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção).” (BONINI, 2011, p. 688). Isso posto, considerando que tanto o conceito de mídia quanto o conceito de suporte ainda são relativamente nebulosos para o debate teórico, resolvemos, neste artigo, adotar a noção mais assu- mida por pesquisas brasileiras na área da Linguística de Texto: a marcuschiana.

alternativas de atualização de linguagens (verbal e não verbal); b) distintos graus de interatividade impostos pelo curso comunicativo e sua bifurcação, que afeta a recepção, o tempo e a maneira de resposta, e, por via de consequência, a responsividade do(s) co-enunciador(es); c) múltiplas atribuições e valores dos procedimentos de formatação: formas físicas, edição, diagramação, corte, elocução estilística etc.

Marcuschi (2008) assevera que existem duas categorias de suportes textuais, quais sejam: suportes convencionais e suportes incidentais⁵. Os suportes convencionais são aqueles que foram produzidos com o propósito de portar ou fixar textos, como um bloco de notas. Já os suportes que operam ocasionalmente ou eventualmente são nomeados de incidentais, pois não foram criados com a função de portar textos, como é o caso do corpo humano, que veicula textos por meio de tatuagens e, ainda, os para-choques e para-lamas de caminhão, que suportam, em sua maioria, um gênero muito típico (pro-verbio), no entanto, não foram criados com esse intuito.

Dessarte, é inegável que as teorias sumarizadas aqui já estão consolidadas e servem à Linguística há tempos. Ocorre, no entanto, que à época em que elas foram reflexionadas e ponderadas pelos seus autores, as redes sociais virtuais não eram tão populares quanto são hoje (algumas sequer existiam, quiçá funcionavam como fonte de renda, a ponto de alguns de seus usuários fazerem delas “locais” de trabalho – os *digital influencers*). Assim, é comum que a aplicabilidade de conceitos como os três mobilizados neste artigo (gênero discursivo, hipergênero e suporte textual) se torne labiríntica, sobretudo porque a área das TDICs é volátil e sempre carece de atualizações.

Diante do exposto, tencionamos, na discussão dos nossos dados, analisar três elementos da interface digital *Facebook* com base nesse aporte teórico para defini-los, a partir de suas características, como gênero discursivo, hipergênero e suporte textual. São eles, respectivamente: o *post* de *Facebook*, a página de *Facebook* e o próprio *site Facebook*. Para isso, trataremos, na seção a seguir, dos aspectos metodológicos deste trabalho, para, posteriormente, apresentarmos a análise do nosso *corpus*.

4. (Re)visitando a aplicabilidade dos conceitos de gênero discursivo, hipergênero e suporte textual em ambiente digital: uma análise da rede social virtual *Facebook*

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados. Nosso *corpus*⁶ foi construído por capturas de tela de um *post* de *Facebook*, de uma página de *Facebook* e da tela inicial do próprio *site Facebook*. Essa escolha

⁵ Existem, ainda, exemplos que, segundo o autor, não podem ser classificados como suportes textuais, sejam os incidentais ou convencionais, mas devem ser vistos como serviços. Trata-se de serviços em função da atividade comunicativa, como é o caso dos *Correios*, que são menos um suporte e mais um serviço ou meio de transporte.

⁶ O *corpus* deste artigo adveio de uma pesquisa de Mestrado Acadêmico intitulada “As cores e as dores da comunidade LGBTQIA+: uma análise dialógica da hipertextualização da militância sexual e de gênero em *posts* de *facebook*”. Essa dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (*campus* de Vitória da Conquista) e contou

metodológica se deu pelo fato de que nossa intenção é utilizar figuras para ilustrar esses elementos, buscando identificar características de gêneros discursivos, de hipergêneros e de suportes textuais neles, haja vista que, desse modo, teremos condições de defini-los nesses termos. Essas *screenshots* serão expostas em cinco figuras (as duas primeiras representam o *post*; a terceira e a quarta ilustram a página; e a última estampa a própria rede social virtual *Facebook*).

Isso posto, primeiramente, apresentaremos um *post* de *Facebook* e aplicaremos os conceitos bakhtinianos de gênero para assim defini-lo. Em seguida, exibiremos uma página de *Facebook* e utilizaremos as premissas de Bonini (2011) e de Lima (2013) para classificá-la como um hipergênero. Por fim, exporemos a tela inicial do *Facebook* e, a partir das assertivas marcuschianas, indicaremos o seu funcionamento desse *site* como suporte textual.

Destarte, para apontar o *post* de *Facebook* como um gênero do discurso sob a perspectiva bakhtiniana, retomaremos brevemente a discussão do autor acerca dos três pilares de um gênero discursivo. Dito isso, no que se refere ao conteúdo temático – o qual pode ser definido como o conjunto daquilo que é dizível por meio do gênero –, em um *post* de *Facebook* são discutidos variados temas, conforme o objetivo interacional do sujeito, construído em suas práticas sociais. Esses temas, como salienta Bakhtin (2016), são os elementos do discurso e, assim, orientam a vontade discursiva do sujeito, haja vista que estão diretamente ligados às atitudes valorativas que ele tem no que compete ao conteúdo dos gêneros discursivos.

Um exemplo disso é a figura 1, a seguir, a qual exibe uma postagem feita pelos administradores/moderadores da página de *Facebook* intitulada “Quebrando o Tabu” – idealizada e efetivada com o intuito de tornar o mundo um lugar “mais bem informado e menos careta”, de acordo com a própria descrição dela no *site*. Vejamos:

com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através de bolsa de fomento – código de financiamento 001. Escolhemos trabalhar, novamente, com dados relacionados à agenda LGBTQIA+ por considerarmos que o Brasil é/está enraizado e enviesado por diversas crenças religiosas e culturais, as quais espelham em seus adeptos estereótipos referentes aos seus segmentos, reforçando o preconceito contra essa situação social, que precisa ser evidenciado e mitigado.



FIGURA 1 – Postagem sobre a (não) aceitação do casamento *gay*⁷
 Fonte: Página do Quebrando o Tabu no Facebook⁸.

Na figura 1, temos um *post* que evidencia uma questão polarizadora de opiniões no Brasil (e em vários lugares do mundo): o casamento *gay*. A publicação, propositalmente irônica, ridiculariza o fato de que um número considerável de pessoas cisheteronormativas⁹ costumam praticar uma espécie de antimilitância acerca da institucionalização da união matrimonial entre pessoas LGBTQIA+¹⁰. Isso pode ser visto tanto na imagem presente no *post* – a qual, por meio de um texto escrito e da utilização das cores da bandeira LGBTQIA+, afirma que a discussão sobre aceitar ou não o casamento *gay* só faz sentido a quem foi ofertada tal proposta – quanto na legenda dele, que ojeriza a atitude de pessoas não-pertencentes à comunidade LGBTQIA+ que insistem em criticar esse direito pleiteado há tempos por ela.

Esse *post* coaduna com a assertiva bakhtiniana de que o conteúdo temático de um gênero aponta o objetivo interacional do sujeito, o qual elege um gênero do discurso específico para enunciar. Essa seleção, conforme Bakhtin (2016), desenrola-se no âmbito da comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação comunicativa, pela disposição de pessoas envolvidas na (inter)ação social etc. À

⁷ Os nomes e as fotos de perfil dos usuários foram ocultados por uma questão de ética. Isso se repetirá em todas as figuras presentes neste artigo.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/2629203640469340>. Acesso em: 28 ago. 2022.

⁹ Caravaca-Morera e Padilha (2017, s.p.) definem a cisheteronormatividade como um conceito “[...] que faz referência a um conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade em uma linha ilógica e estritamente horizontal.”

¹⁰ A sigla LGBTQIA+ faz referência, respectivamente, a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero que fogem à regra heterossexual, cisgênero e binarista.

vista disso, o conteúdo temático englobaria aspectos peculiares do sujeito, como seus propósitos, suas idiossincrasias e suas percepções semânticas constituídas de forma coletiva através de práticas sociais.

Dessarte, na publicação em questão, vemos que o *post* de *Facebook* possui um grande potencial de angariamento de capital social¹¹, o que pode ser ratificado por meio dos números expostos na figura 1: são mais de 33 mil reações, divididas, sobretudo, entre “curtir”, “amei” e “haha”; quase 2,5 mil comentários; e 12 mil compartilhamentos. Levando isso em consideração, o *post* de *Facebook* confere ao indivíduo a viabilidade de expor, à nível mundial, suas posições político-ideológicas. Assim, se o publicador desse hipertexto o fez por meio de um *post* de *Facebook*, muito provavelmente isso se deve ao fato de que, no que diz respeito ao movimento LGBTQIA+, as ondas de protestos virtuais são fundamentais para suscitar destaque à comunidade¹², visto que a praticidade de acesso a um *post* de *Facebook*, por exemplo, pode gerar uma “viralização” desse conteúdo, o que contribui para que os temas discutidos na publicação atinjam muitas pessoas.

É válido pontuar, ainda, que, de acordo com Ribeiro (2010), ao se falar em conteúdo temático, é preciso saber que a dimensão individual não se justapõe aos parâmetros reguladores do gênero eleito pelo indivíduo, bem como a estrutura do gênero não subordina plenamente as escolhas individuais, haja vista que, conforme Volóchinov (2018) as forças sociais (ideologicamente marcadas) encontram-se em tensão indissociável e ininterrupta nas vozes heterogêneas que desvelam-se nos elos ideológicos que são (re)elaborados na interação, a qual reclama a construção conjunta de sentidos.

Dessa maneira, na postagem em questão, há uma temática sendo abarcada e criticada dentro do ambiente das redes sociais on-line: a postura de pessoas cisheteronormativas que afirmam não aceitar o casamento *gay*. Essa crítica é feita tanto pelo autor da imagem destacada no *post* quanto pela pessoa que fez uso dessa imagem para compor sua publicação no *Facebook*, reforçando a discordância ao fato apresentado na legenda da postagem: “se você não foi pedido, você não precisa aceitar”. Isso ratifica que o conteúdo temático vai além da mera noção de assunto, ao abarcar valores sociais e discursos construídos sócio-historicamente que vêm à tona no evento enunciativo, e confirma que ele se faz presente (e, diga-se de passagem, bastante acentuadamente) em um *post* de *Facebook*.

Quanto à construção composicional – o aspecto formal do texto, referente ao modo de sistematização dos enunciados relativamente estáveis e que, consoante os postulados bakhtinianos, engloba

¹¹ A teoria do Capital Social é proveniente das Ciências Sociais (BOURDIEU, 1980; PUTNAM, 1996), que o tomam como produto do pertencer a um grupo (rede) de atores. Essa noção é adaptada por Recuero (2009), que considera o capital social como um dos valores que circunscrevem as relações sociais (sejam elas on-line e/ou off-line). Costa (2012), aportada teoricamente em Recuero (2009), salienta que a expressão diz respeito, *grosso modo*, ao impacto interacional de um *post* em uma rede social virtual, que pode ser medido por meio da quantidade de curtidas, compartilhamentos e comentários que uma publicação consegue obter.

¹² As redes sociais digitais têm se tornado, sobretudo atualmente, um palco ainda maior do ativismo online. Isso posto, para a comunidade LGBTQIA+, o ativismo funciona como mais um instrumento de fortalecimento de suas lutas, essencial para o engajamento de públicos diversos, o que assessoria a naturalização de questões relativas à diversidade sexual e de gênero. Assim, cada vez mais mobilizadores sociais que tomam as interfaces digitais – e, por consequência, as redes sociais virtuais – como um lugar para pautar novos debates ou até mesmo para repercutir antigos enfrentamentos assumidos pela comunidade LGBTQIA+ despontam. Isso ocorre porque, mesmo na contemporaneidade, ainda é preciso que o grupo siga resistindo nas discussões sobre as suas demandas, e o *post* de *Facebook* possibilita que isso seja feito de forma veloz e ubíqua.

processos, associações, estruturações, acomodações e (in)acabamentos da totalidade discursiva – verificamos que o usuário se adequa aos parâmetros estruturais *post* de Facebook, que guiam, até determinado ponto, a comunicação discursiva. Essa certa condução se concretiza, como salienta Guerra (2022), a partir dos variados recursos que essa rede social virtual oferta ao seu usuário quando este decide pulcar algo em sua linha do tempo. Na tela inicial de composição do *post*, o sujeito já tem acesso a algumas funcionalidades, como a figura 2, a seguir, evidencia. Vejamos:

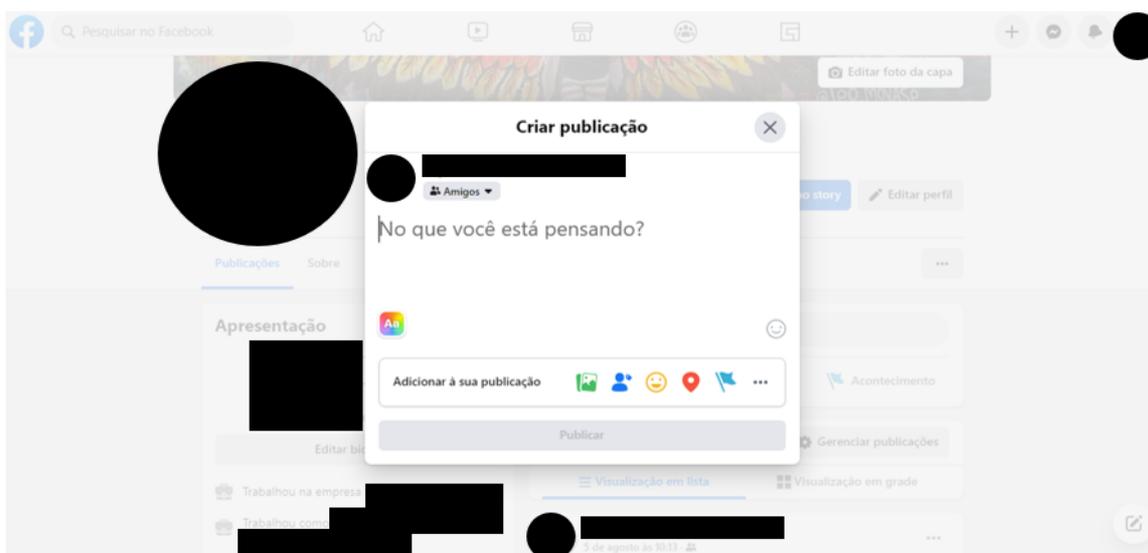


FIGURA 2 – Criação de uma publicação no Facebook
 Fonte: Perfil do pesquisador no site Facebook¹³.

A partir da figura 2, observamos que os recursos disponíveis são, respectivamente: i) uma caixa de texto para que o sujeito verbalize sua publicação; ii) temas coloridos e/ou ilustrados para destacarem o texto e, conseqüentemente, chamarem a atenção quando surgirem no *feed* de notícias¹⁴ de outros usuários; iii) uma ferramenta para inserção de fotos e/ou vídeos no *post*; iv) um mecanismo para que o sujeito consiga “linkar” seus amigos à publicação; v) uma cartela de *emojis* com a função de expressar sentimentos ou de descrever atividades que o sujeito está realizando naquele momento; vi) um artifício para que o usuário diga onde está por meio de um *check-in*; vii) uma engrenagem para o sujeito compartilhar um acontecimento importante de sua vida – seja de trabalho, de relacionamento, de formação etc.; viii) reticências que, quando clicadas, revelam outras quatro funcionalidades, quais sejam: vídeo ao vivo (conhecido, também, como *live* e popularizado ainda mais pelo uso constante por parte do atual

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso em: 08 ago. 2022.

¹⁴ O *feed* de notícias é, em linhas gerais, uma linha do tempo que apresenta as histórias da sua página inicial, sendo frequentemente atualizada. Essas atualizações podem abarcar *status*, fotos, vídeos, *links* e atividades de pessoas, grupos e/ou páginas seguidas pelo usuário no Facebook.

presidente do Brasil e por muitos artistas que produziram conteúdo em meio às medidas de distanciamento social adotadas por ocasião da pandemia da covid-19) e GIFs¹⁵.

À vista disso, constatamos que em um *post* de *Facebook* existem configurações que são reconhecidas instantaneamente pelos usuários dessa rede social virtual e até mesmo por pessoas que não a utilizam, mas que, em algum momento, já se depararam com ela. Isso ocorre porque a estrutura retórica básica de um *post* de *Facebook* é altamente peculiar: um texto verbal, uma imagem estática, um GIF ou até mesmo um vídeo, uma legenda, reações (curtir, amei, força, haha, uau, triste e grr), comentários e respostas aos comentários, além das possibilidades de envio e de compartilhamento, o que confirma mais um dos pilares de um gênero discursivo ocorrendo em uma publicação do *site* em questão.

Continuando a discussão aportados teoricamente nos pressupostos bakhtinianos, outro aspecto que define um gênero discursivo é o estilo, o qual, conforme Bakhtin (2016), se refere à eleição de artifícios lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e se divide em dois, quais sejam: o estilo do gênero e o estilo individual (que ocorre em consonância com o estilo do gênero). Trocando em miúdos, o estilo individual é produto da personalidade do enunciador, de suas decisões singularizadas na dinâmica discursiva, ao passo que o estilo do gênero diz respeito ao encontro dos usos linguísticos, discursivos e textuais em um contexto enunciativo específico.

Isso pode ser conferido a partir das figuras exibidas anteriormente, que apresentam as possibilidades de enunciar em um *post* de *Facebook* (figura 2) e o uso real de alguns dos recursos oferecidos pela interface digital em questão para a produção de um *post* por parte de seus usuários (figura 1). Como vimos na figura 2, a publicação de *Facebook* confere ao autor da postagem uma série de opções multimodais para que ele escolha o que quer mobilizar na materialização de seu discurso. São esses recursos hipertextuais que delimitam o estilo do gênero, isto é, o que está disponível para uso e como pode/deve ser utilizado. Ocorre que o sujeito tem a liberdade de usar ou não alguns ou todos os recursos dispostos pelo *site Facebook* para a criação do *post*, e é isso que marca o estilo individual dos usuários quando estes produzem uma publicação de *Facebook*.

Na figura 1, notamos, de forma bastante marcada, o estilo do *post* de *Facebook*, o qual tem como característica fundamental a convergência de linguagens. Uma ocorrência textual frequente em uma postagem de *Facebook*, por exemplo, é o hibridismo entre texto escrito e imagem, que, intercalados, produzem um sentido verbo-visual, e isso ocorre aqui: na figura, podemos ver uma imagem que contém um texto verbal e que trabalha com diferentes tamanhos e cores de fonte para enunciar acerca do casamento *gay*, dando destaque exatamente para essa palavra – *gay* –, que aparece avantajada e sinalizada por meio das seis cores que formam um ícone mundial: a bandeira LGBTQIA+. Combinado a isso, há um fundo cinza, utilizado estrategicamente, haja vista que essa cor representa a bandeira heterossexual (formada por tons gradientes de cinza) e serve, também, como uma base neutra para destacar o colorido do enunciado.

¹⁵ Segundo Guerra (2022, p. 43), “GIF (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos, em livre tradução) é um formato de imagem bastante utilizado na *web* que pode compactar várias cenas e, com isso, exibir movimentos. Seu funcionamento ocorre da seguinte forma: ele armazena as linhas dos desenhos contidos nele fora de ordem, de modo a viabilizar que uma imagem parcialmente descarregada seja reconhecida antes mesmo de ser totalmente baixada.”

Todos esses elementos, juntos, em uma relação de entranhamento, fazem o indivíduo captar, rapidamente, a temática da postagem, qual seja: defender a união matrimonial de pessoas LGBTQIA+. Essa mescla de recursos, utilizada para atribuir sentido à publicação, é justamente o que marca o estilo desse gênero: aqui, o que vale não é somente o que é dito pelo texto, mas também as estratégias textual-discursivas arquitetadas pelo autor da publicação, com o intuito de manifestar o seu dizer. Trocando em miúdos, são distintas construções linguísticas e semióticas de texto funcionando como um todo significativo e materializando o dizer do sujeito.

Outrossim, uma característica também essencial no que se refere ao estilo de um gênero discursivo, segundo Bakhtin (2016), é o elemento expressivo, ou, em outras palavras, a relação de valor do sujeito com a natureza do objeto do discurso. Sendo assim, o que marca o estilo do gênero é o sistema linguístico, o objeto do discurso (e, conseqüentemente, do próprio sujeito de discurso) e a sua valorização para com esse objeto (isto é, a opinião, os juízos de valor e os sentimentos do enunciador), acrescidos dos artifícios linguísticos, textuais, discursivos e multimodais.

Assim sendo, no *post* em questão, podemos ver, por meio das seleções imagéticas e de vocábulos feitas pelo enunciador, sua atitude valorativa em relação à temática tratada: no que compete à escolha da imagem, esta se mostra favorável à institucionalização da união matrimonial de pessoas LGBTQIA+. Isso pode ser observado tanto pelo destaque conferido à palavra *gay* e às cores que representam a comunidade LGBTQIA+, quanto pelo tom contundente do enunciado verbal presente na imagem, marcado pelo uso do verbo flexionado na 1ª pessoa do imperativo afirmativo (deve) e pelo advérbio de exclusão (apenas). Isso se repete na legenda adicionada à imagem: nela, a pessoa que modera a página Quebrando o Tabu reforça o já dito na figura com o uso de um advérbio de negação (não), o qual aparece nas duas orações que compõem essa parte do *post*.

Tudo isso está diretamente relacionado ao estilo individual, o qual, como dissemos anteriormente, é produto das idiossincrasias do sujeito da enunciação e de suas predileções individualizadas na dinâmica discursiva. Assim, ratificamos que a questão do estilo extrapola a noção usual de autenticidade e de particularidades do indivíduo, estando irrestritamente ligada aos usos sócio-históricos das estratégias de textualização (ou, nesse caso, de hipertextualização). Considerando essa discussão, podemos afirmar que o *post* de *Facebook* ostenta integralmente o que Bakhtin e seu Círculo compreendem como estilo de um gênero, o que corrobora, mais uma vez, com a sua classificação como um gênero discursivo e completa, portanto, o seu encaixe nos três pilares desse conceito.

Diante do exposto e tendo em vista que o *post* de *Facebook* está sendo tomado por nós, efetivamente – com base na análise feita até aqui –, como um gênero discursivo, a identificação do que pode ser considerado como hipergênero dentro do *site Facebook* se torna mais simples.

Assim, se voltarmos nosso olhar para a síntese do conceito de hipergênero – qual seja: um tipo de agrupamento de gêneros, constituído por um composto estruturado de gêneros que se coligem em uma macrounidade, a qual apresenta propriedades estruturais, retóricas e discursivas parecidas com as de um gênero discursivo, como salienta Lima (2013) –, perceberemos que há, no *Facebook*, algo que se encaixa acertadamente nessa definição: a página de *Facebook*.

Disponibilizada pelo *Facebook* com a promessa de conectar o sujeito ou a causa dele à comunidade mundial de pessoas que utilizam essa interface digital, a página de *Facebook* propõe que o usuário interaja com outras pessoas que tenham gostos em comum com ele e que apresente conteúdos de forma comprometida, buscando fidelizar o público.

Assim, para discutirmos esse recurso ofertado pelo *Facebook* e classificá-lo como hipergênero, vejamos, primeiramente, a figura 3, a seguir, a qual apresenta a captura de tela de uma das muitas páginas presentes nessa interface digital:



FIGURA 3 – Screenshot da página “Universo LGBT” no *Facebook*
 Fonte: Página da Universo LGBT no site *Facebook*¹⁶.

A figura 3, acima, exhibe parte da página de *Facebook* intitulada *Universo LGBT*, que se considera “um movimento que luta pelos direitos dos seus membros, e principalmente contra a homofobia”, como é possível ler na seção “Sobre”, presente no lado esquerdo da imagem. Aqui, vemos que essa página possui quase 650 mil seguidores e cerca de 600 mil curtidas, mostrando-se bastante relevante na rede social virtual em questão e cumprindo, aparentemente, os propósitos de sua criação: conectar-se ao maior número possível de pessoas, publicar conteúdos relevantes para esse público e, conseqüentemente, fidelizá-lo.

De início, é possível pensar que a página de *Facebook* é apenas mais um gênero discursivo, assim como o *post* de *Facebook*; entretanto, as diferenças são marcantes e aparecem desde o momento de sua criação, como mostramos na figura 4, a seguir:

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/UniversoLGBTOficial>. Acesso em: 11 ago. 2022.

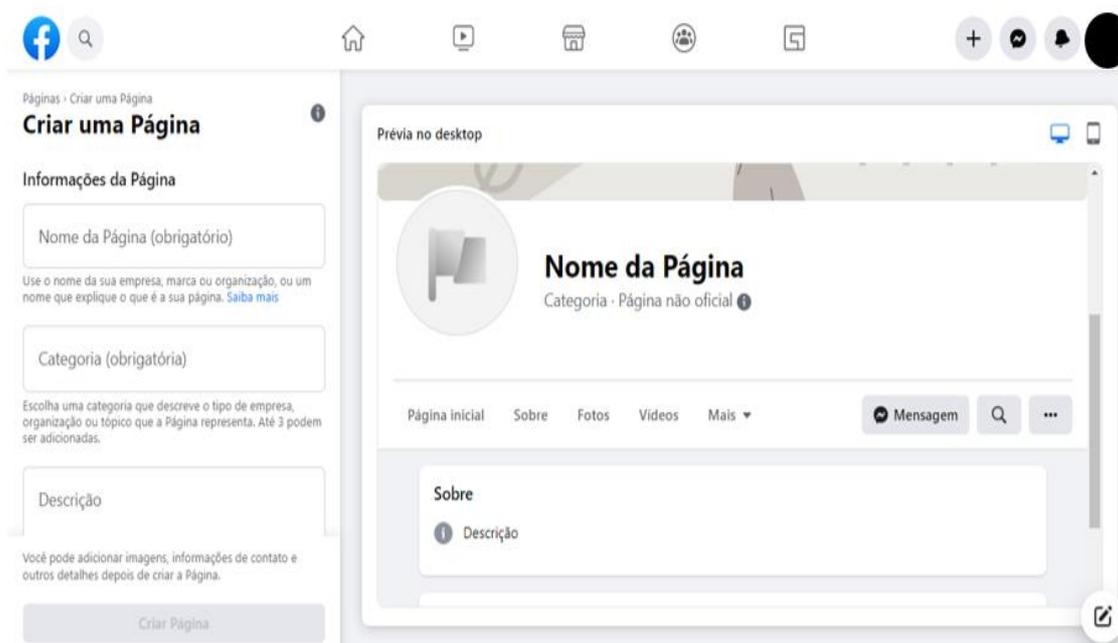


FIGURA 4 – Criação de uma página no *Facebook*
 Fonte: Aba de criação de uma página no site *Facebook*¹⁷.

A partir desta figura, fica evidente que uma página de *Facebook* serve – sobretudo e textualmente falando – para organizar determinado conteúdo dentro do site *Facebook*, haja vista que o sujeito pode criá-la (adicionar nome, foto de perfil, foto de capa, descrição, categoria, informações de contato e afins), mas seus objetivos interacionais só serão, de fato, cumpridos, por meio dos *posts* de *Facebook* publicados nela. A página confere, portanto, ao usuário apenas a possibilidade de sistematizar seus conteúdos, os quais serão enunciados por meio de um gênero, o que já marca uma de suas particularidades frente a um gênero discursivo tradicional.

Isso posto, a discussão parece nos conduzir à conclusão de que a página de *Facebook* seria, então, um suporte textual, mas isso também não se sustenta, visto que ela fixa, sim, gêneros em sua estrutura, mas esses gêneros se organizam a fim de cumprirem um único objetivo interacional e uma única vontade discursiva: tratar da temática da página e, portanto, formar, nos termos de Lima (2013), um bloco retórico de conteúdo.

Exemplo disso são as quase 5 mil postagens existentes na página Universo LGBT. Cada uma dessas publicações pode ser considerada como um enunciado, ou seja, uma unidade de sentido que, sozinha, já se configura como um todo retórico, semântico e discursivo. No entanto, dentro da página de *Facebook*, esses *posts* compõem uma rede de unidades retóricas que, juntas, constituem uma macrounidade simbólica que trata de uma temática geral comum: a militância LGBTQIA+.

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/creation/>. Acesso em: 10 set. 2022.

Em outras palavras, considerando o que é defendido por Lima (2013), podemos afirmar que quando os *posts* de *Facebook* firmam entre eles um elo na sequenciação composicional e retórico-discursiva, dentro de uma página, efetivam uma relação de coordenação, haja vista que eles se estabelecem em esferas gráficas adjacentes e tratam de uma mesma temática. Todavia, os *posts*, ainda que estejam próximos (graficamente falando) e sejam tematicamente congêneres, não sustentam entre si um vínculo de encaixamento e/ou dependência de sentido. O que ocorre, na verdade, é que as publicações se posicionam paralelamente, a partir de um fio estrutural e retórico-discursivo que as organiza (chamado pelo *Facebook* de “linha do tempo”), uma vez que compõem uma unidade retórica maior (um bloco retórico), compartilham um conteúdo temático e realizam vontades discursivas correlatas.

Diante do exposto, fica evidente que a página de *Facebook* é um hipergênero constituído da concentração e da sistematização de um grupo específico de gêneros (os *posts* de *Facebook* e seus comentários, réplicas e tréplicas), e o que facilita essa definição é o fato de que o *Facebook* é uma mídia que possui tonalidades materiais altamente marcadas.

Definidos, então, o *post* de *Facebook* como gênero discursivo e a página de *Facebook* como hipergênero, resta, agora, delimitar o conceito de suporte textual dentro dessa rede social virtual. Para isso, relembremos, *a priori*, a definição dada por Marcuschi (2008) sobre esse fenômeno, a saber, “superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (p. 74). Tendo isso em vista, vejamos a figura 5, a seguir, que exhibe a aparência da página inicial do próprio site *Facebook*:

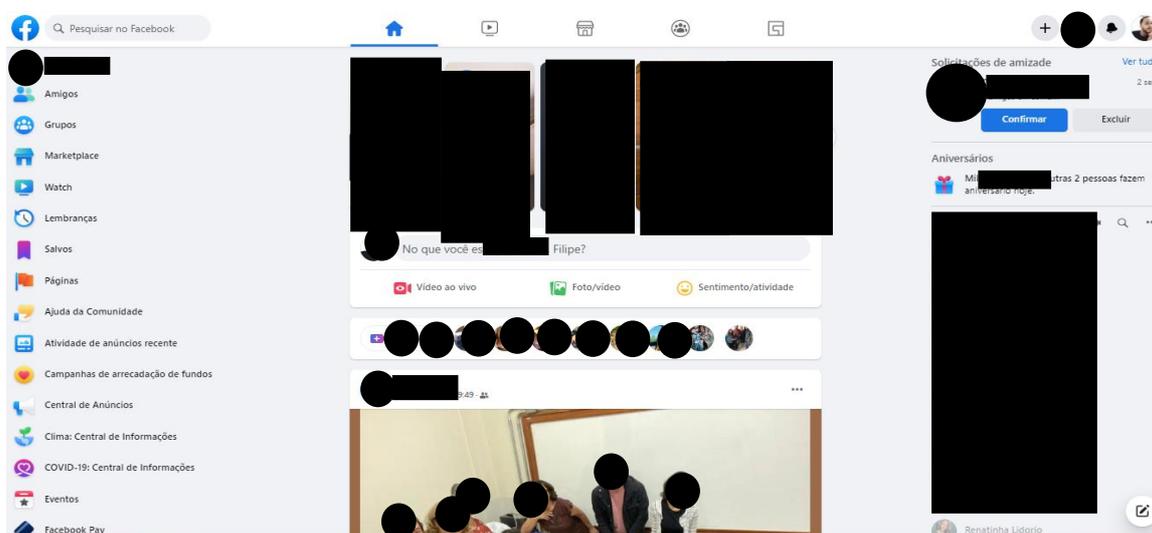


FIGURA 5 – Página inicial do *Facebook*
 Fonte: Perfil do pesquisador no site *Facebook*¹⁸.

A figura 5 revela que o *Facebook*, como *site*, é recheado de possibilidades. A divisão de seus muitos mecanismos digitais de informação e de comunicação em abas “hiperlinkadas”, que conduzem seus

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/guerraffs>. Acesso em: 08 ago. 2022.

usuários a vários lugares (perfil pessoal, amigos, grupos, *marketplace*, *watch*, lembranças, páginas, posts, eventos, comentários, *messenger* etc.), prova o quão intrinsecamente multifacetada essa rede social virtual é.

A partir desse cenário (sócio)interativo, podemos afirmar que nos deparamos, no site *Facebook*, com atributos próprios de um espaço de circulação de enunciados, a exemplo de sua estrutura física (ou, nesse caso, virtual), que cumpre o papel de sustentar o(s) (hiper)texto(s), e de seu formato específico, com a distribuição estratégica dos elementos constitutivos do *Facebook*, que só podem ser encontrados, desse modo, no site em questão. Essa exclusividade também se estende, como mostram Azevedo, Guerra e Pereira (2021), aos muitos recursos participativos da rede, a exemplo das reações, das caixas de comentário (com possibilidade de réplicas, trélicas e, também, reações) etc.

Isso posto, ao reconhecer o *Facebook* como um local virtual que serve para publicar e propagar enunciados, e ao ponderar que o *Facebook* ostenta um formato específico e que cumpre o papel de fixar e expor um enunciado, consoante as assertivas de Marcuschi (2008), podemos defini-lo como um suporte textual, sobretudo se considerarmos como o gênero “post de *Facebook*” e o hipergênero “página de *Facebook*” dependem essencialmente dele para existir. Isso fica comprovado quando percebemos que ambos só podem ser criados e mobilizados em prol de objetivos interacionais dentro desse site, a partir dos recursos que ele oferece aos seus utilizadores. Assim, a análise ratifica o pleno funcionamento desses três conceitos em uma interface atual de informação e comunicação, e reafirma a interdependência deles.

5. Conclusão

Por meio deste artigo e das análises empreendidas nele, pudemos constatar que, atualmente, a rede social virtual *Facebook* se constitui um suporte que manifesta, fixa e divulga o gênero *post de Facebook*. Este, que apresenta conteúdo temático, estrutura composicional e estilo (do gênero e individual), é, por sua vez, utilizado muito frequentemente na interface digital supracitada para preencher uma página de *Facebook*, aqui assumida como um hipergênero também suportado pelo *Facebook* e que, a partir de uma ou mais temáticas específicas, instrumentaliza *posts* de *Facebook* para formar um bloco retórico-textual e retórico-discursivo. Portanto, vimos que os conceitos de gênero discursivo, de hipergênero e de suporte textual não apenas se aplicam às produções elaboradas no ciberespaço – sobretudo na rede social virtual *Facebook* –, como também podem ser facilmente identificados por meio de suas características mais básicas e, desse modo, discrimináveis.

Vale ressaltar, porém, que esses resultados não são categóricos, haja vista que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação se ampliam e se modificam constante e velozmente, exigindo da Linguística sucessivas atualizações, inovações e renovações, para que concretas prerrogativas sejam conferidas à sociedade por meio delas. No entanto, é inegável que o trabalho com os conceitos de gênero discursivo, de hipergênero e de suporte textual, a partir de assertivas bakhtinianas e de teorias que utilizam Bakhtin e seu Círculo como aporte teórico – a exemplo das pesquisas empreendidas e

defendidas por Bonini (2011), por Lima (2013) e por Marcuschi (2003, 2008, 2010), citadas no presente trabalho – se mostra válido e de suma importância para a leitura e para a compreensão de fenômenos linguísticos, textuais e discursivos que se dão no melindroso e multifacetado ciberespaço.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2216.R>

Editores

Roberlei Alves Bertucci

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4014-5610>

Emanoel Cesar Pires de Assis

Afiliação: Universidade Estadual do Maranhão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7377-8540>

Rebeca Schumacher Eder Fuão

Afiliação: Universidade de Oslo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7658-7704>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Lovania Roehrig Teixeira

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9614-8648>

Avaliador 2: Antônio Luiz Alencar Miranda

Afiliação: Universidade Estadual do Maranhão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5752-0280>

AVALIADOR 1

O artigo “Gênero, hipergênero e suporte em ambiente digital: a aplicabilidade de conceitos da Linguística de Texto frente ao ciberespaço” analisa três conceitos (gênero discursivo, hipergênero e suporte textual) relacionados a textos digitais. Para isso, utiliza-se de referencial teórico relevante, tal como de Bakhtin (2016), Bonini (2011), Lima (2013) e Marcuschi (2003, 2008, 2010).

A contribuição do artigo advém de uma análise da aplicabilidade dos conceitos de gênero discursivo, hipergênero e suporte textual à rede social Facebook, especificamente, ocorrem reflexões a partir de capturas de tela de um post, de uma página dessa rede social e da tela inicial do próprio site Facebook.

Ao analisar esses elementos a partir dos conceitos teóricos, o artigo conclui que a rede social virtual Facebook se constitui um suporte que (i) manifesta, fixa e divulga o gênero post; (ii) hospeda o hipergênero página de Facebook.

A partir disso, pode-se afirmar que artigo é relevante para a área da Linguística e que contribui para os estudos dedicados ao texto e ao discurso e sua relação com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Além disso, ressalta-se que o artigo é bem estruturado, formatado e tem correção gramatical.

AVALIADOR 2

É um artigo bem escrito, importante para área em estudo. Apresenta os aspectos teóricos e metodológicos que se reclamam e se respondem numa relação de correspondência. Os resultados são condizentes com o objetivo e com o problema em estudo.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

A pesquisa conduzida pelo(s) autor(es) não foi pré-registrada em repositórios institucionais independentes.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os roteiros da Equator Network foram avaliados pelos autores, mas nenhum deles se mostrou relevante para o trabalho em questão. Além disso, os autores salientam que a pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados, códigos e materiais que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis para consulta no *Facebook*, através dos links abaixo:

- 1) <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/2629203640469340>;
- 2) <https://www.facebook.com>;
- 3) <https://www.facebook.com/UniversoLGBTOficial>;
- 4) <https://www.facebook.com/pages/creation/>.

Fontes de financiamento

O presente capítulo foi escrito com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 jul. 2020.

GUERRA, F. S. **As cores e as dores da comunidade LGBTQIA+**: uma análise dialógica da hipertextualização da militância sexual e de gênero em posts de Facebook. 2022. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2022.

AZEVEDO, A. C. O.; GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M. (Re)visitando conceitos de hipertexto: uma análise de textos digitais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 81. p. 2265-2281, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1038/1107>. Acesso em 13 set. 2022.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.). **A new literacies sampler**. NY: Peter Lang, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291334749_A_New_Literacies_Sampler_Cover_plus_Introduction/link/56a000c008ae21a564272a6a/download. Acesso em: 16 abr. 2021.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, s/p., July/Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 22 abr. 2020.

LIMA, S. C. **Hipergênero**: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado. 2013. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13377>. Acesso em: 09 set. 2022.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLVC**. João Pessoa, v. 1, n. 1 p. 9-40, out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7435>. Acesso em: 05 out. 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

PIRIS, E. L. Hipergênero e identidade discursiva: a primeira página do jornal. **Revista do GELNE**, v. 11, p. 69-83, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9360/6714>. Acesso em: 08 abr. 2020.

RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v.1, n.3, p.54-67, 1º sem. 2010.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.